



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

RAFAEL JESUS SANTOS

CABELO

Processos Artísticos de um Homem Negro em Transição

CACHOEIRA – BA

2021

RAFAEL JESUS SANTOS

CABELO

Processos Artísticos de um Homem Negro em Transição

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Artes Visuais, do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Valécia Araújo Ribeiro
Brissot

CACHOEIRA – BA

2021



SISTEMA DE BIBLIOTECAS

UFRB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL - BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRB

1 Identificação do tipo de documento

Tese [] Dissertação [] Monografia [] Trabalho de Conclusão de Curso [x] Memorial []
Outros []

2 Identificação do autor e do documento

Nome completo: Rafael Jesus Santos

CPF: 064.181.885-86

Nº de Matrícula do Curso: 2015.1 0851 Telefone: (75) 9 8874-0300

e-mail: rafael_santos_vca@hotmail.com

Curso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: Graduado em Artes Visuais

2.1 Título do documento:

Cabelo: Processos Artísticos de um Homem Negro em Transição

Data da defesa: 10/12/2021

3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo [x]

Texto parcial []

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal

Valença, BA
10/12/2021

4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial?

Não

Sim Justifique: _____

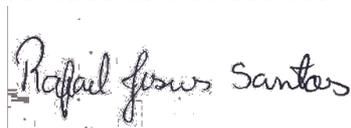
4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

____ / ____ / _____ Sem previsão

Assinatura do Orientador:

_____ (Opcional)

Assinatura do Autor:



O documento está sujeito ao registro de patente? Não Sim

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

Conforme Resolução 003/2018 do CONAC, Após a apresentação e aprovação do trabalho, o aluno deverá encaminhar duas copias do trabalho final em mídia digital (em formato pdf) devidamente assinada pela Banca e pelo Orientador para registro no Colegiado do Curso e 1 (uma) mídia para ser encaminhada para a Biblioteca onde o curso funciona acompanhada do termo de autorização para publicação .

RAFAEL JESUS SANTOS

CABELO:

Processos Artísticos de um Homem Negro em Transição

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB.

Aprovado em Cachoeira, 10 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Valecia Araujo Ribeiro Brissot (UFRB) - Orientadora



Profa. Dra. Emi Koide (UFRB)



Prof. Dr. Silvio César Oliveira Benevides (UFRB)

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória de meu falecido pai, Gilmar Santos (1970 – 2020), que, infelizmente, não está mais entre os vivos; porém, independentemente de onde ele estiver, estará sempre vivo dentro daqueles que o amaram. Painho sempre foi muito calado e bruto; então, foi difícil conhecer sua história de vida por completo. O pouco que me foi contado e experienciado foi o suficiente para uma possível aproximação da sua vida vivida: Homem, pai, trabalhador incansável; não fez parte da estatística do homem que abandona a família. Nossa aproximação mais forte se deu pouco antes de seu falecimento, mas foi o suficiente para que eu sentisse algo que pouco sentira em meus 26 anos de vida: Amor. Não é somente sobre contar, é sobre viver; e nós sobrevivemos.

Pai, Fotografia Digital, 2019.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Agradecimentos

Foi um árduo caminho até chegar aqui, finalmente, escrevendo este que é o último processo. Não é fácil escrever os agradecimentos, pois sempre faltam pessoas; as vezes esquecemos – principalmente uma pessoa esquecida como eu.

É impossível começar sem, primeiramente, agradecer à mainha, Antônia Jesus dos Santos, e ao meu falecido pai, Gilmar Santos. Ambos se dedicaram tanto à família e deram o máximo para me manter na Universidade.

Às minhas irmãs, Anna Clara Jesus Santos e Emilly Jesus Santos; minhas “crias”, como as chamo hoje em dia. Há tempos vêm me apoiando em todos os sentidos. Todas as vezes em que, no quarto, me pus a conversar e a saber como estavam sendo seus processos, falando sobre o conceito de família e a quem deveríamos prestar reverência; e elas me falando “Vai maninho. Você consegue terminar esse TCC. Acreditamos muito em você”.

À minha companheira, Joelma A. dos Santos, uma profissional incrível, mestranda, e que, até a apresentação deste TCC, será mestra em Ensino e Relações Étnico-raciais pela UFSB-CSC. Ela foi quem mais ouviu meus choros e desabafos sobre não conseguir, me apoiou e quase tomou o computador de minhas mãos para escrever; mas, como a boa professora que é, disse “Não! Vá escrever você.” Me deu vários puxões de orelha para me alertar sobre a importância de concluir o curso. Obrigado, amor.

Aos professores Emi Koide e Silvio Benevides, por terem aceitado o convite para participar da banca, e pelo carinho. À minha orientadora e professora, Dr^a. Ana Valecia Araujo Ribeiro Brissot: obrigado por todo acompanhamento nos momentos de tensões em que a senhora me ajudou a suportar, e pelo incentivo à continuação do processo em outras etapas.

Ao Gilson, quem me acolheu na Casa de Estudantes Ademir Fernando de Senna Gonçalves, no “melhor quarto da residência” (rsrs), onde pude aprender tanto sobre a minha própria vida e compartilhar momentos tão incríveis. Ao Leonardo, amigo de longa data (10 anos); sem ele, nem teria

tentado entrar no curso de Artes Visuais, tendo me do início ao fim e em cada processo.

Ao Jadson L. Ribeiro, meu parceiro de quase todos os trabalhos artísticos, com quem compartilhava ideias e risadas sem muito sentido, além dos momentos mais aleatórios e criativos. Ele não gosta que saibam, mas ele é autor de 3 livros de literatura e contos.

À Rubi, que fez o meu primeiro grande corte lá em 2016, e, apesar de não termos tanto contato hoje, ela fez parte da minha trajetória.

Ao grande amigo Felipe CDA (com a sigla de Cruz das Almas, que é como ele se identifica nas batalhas de rap). Um grande companheiro de quarto, com quem compartilhei de muitas ideias “xeque” sobre a vida. Ambos se ajudando em momentos de fraqueza; compartilhando muitas dores e nos fortalecemos juntos.

Não posso esquecer também de agradecer ao grande artista, companheiro e amigo Marcos Ronald da Matta, que praticamente me apresentou o CAHL; puxou minha orelha quando necessário; e se fez presente em muitos momentos importantes da minha vida. Uma grande inspiração para os meus processos também.

Outro que tem grande destaque em minha vida é o grande companheiro e amigo Adriel, companheiro de quarto de Jadson. Além de um grande artista, é uma inspiração -com quem tive a oportunidade de compartilhar momentos incríveis.

À Nani, Jaqueline, Weder, Tatiane, Larissa, Karla, Quadra Sul, Ronni, Yure, Danilo (Quadrado), Sammyr, Cláudio, Rafael, Aylla, Aline e demais; à Casa de Estudantes em peso. Lembro de cada momento, entre uma ocupação e outra, em que precisamos interromper nossos processos para brigar pelo direito básico de assistência. Momentos esses que nos uniram mais, pois pudemos fortalecer uns aos outros. Foi com vocês que eu aprendi o significado de “Nós por nós” e “Ninguém solta a mão de ninguém”.

Obrigado a todos que se fizeram presentes em minha vida. E para quem eu não citei, minhas desculpas, a escolha foi difícil.

Cabelo ruim não, Crespo sim!

*“Por muito tempo eu não me vi
Só projetava minha imagem
não sabia que existia no espelho
eu via miragem
tinha que atingir um padrão, mudar
pra ser aceito
e reclamava com deus por ter
nascido preto.
eu fazia o que eles queriam, mas
não me sentia bem
sentia que não era eu, tentava ser
outro alguém
E a minha mãe coitada , sem saber
o que fazer
pra resolver o problema me deixava
passar henê
e eu alisava o cabelo, eu queria ser
astro do rock
com a minha autoestima dilacerada
eu podia ser tudo menos ser preto,
pode ?
A sociedade me dizia e eu ouvia
calado
até que um dia na escola por ser
preto fui espancado

Pra gente é mais difícil, mas a gente
vai conseguir
só não dá pra parar no tempo temos
que continuar
temos que prosseguir*

*Demorou até um certo tempo pra eu
descobrir
que nós somos um dos poucos
heróis deste país.
e se eu tô vivo hoje recitando pra
vocês aqui
é que eu devo a minha vida a um rei
chamado zumbi
e eu sou seu filho e súdito
e carrego pra sempre seu legado!
Porque no sistema de escravização
da mente eu fui resgatado
e agora não deixo quieto, não posso
deixar barato!
Porque ainda vejo a maioria do meu
povo de cabelo alisado
tá errado se não tiverem autoestima
pois são lindos como são
e não busquem aprovação do
opressor
pois quem vos merecer vai ter que
ser pelo amor
A resistência de mudança não é de
frente da beleza
exijam sempre ser tradas pelo
pronomo ALTEZA
São filhas de rei, minhas irmãs
herdeiras de zumbi se afirmem
como negras e digam
cabelo ruim não, crespo sim!*

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa artística e autobiográfica na qual busco refletir sobre meu processo de transição capilar e de aceitação do cabelo natural/crespo. Essa reflexão se dá por meio da compreensão da influência do cabelo crespo na constituição da identidade étnico-racial, trazendo o processo de autoconhecimento e de autoestima. A transição capilar provocou inquietações sobre o meu “eu”, enquanto homem negro e artista. Como forma de materializar a memória dessa experiência pessoal, mas que também é coletiva, realizei a videoarte *Cabelo*: uma série audiovisual dividida em quatro partes, sendo a base das minhas reflexões referentes à questão.

Palavras-chave: Cabelo. Processos artísticos. Memória. Identidade. Negritude.

ABSTRACT

This work is an artistic and autobiographical research in which I seek to reflect on my process of hair transition and of acceptance of natural/curly hair. This reflection occurs through the comprehension of the curly hair influence on the constitution of the ethnic-racial identity, bringing the process of self-knowledge and self-esteem. The capillary transition caused concerns about myself as a black man and artist. As a way to materialize the memory of this personal, but also collective experience, I made the video art *Cabelo* (in English 'Hair'): an audiovisual series divided into four parts, being the basis of my reflections concerning the question.

Keywords: Hair. Artistic processes. Memory. Identity. Blackness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mainha disse que era a nossa primeira casa – Álbum de família.	16
Figura 2 – Mainha e painho – Álbum de família.....	20
Figura 3 – Mainha, tia, tio e eu – Álbum de família.....	21
Figura 4 – Mainha, tia e eu – Álbum de família.....	21
Figura 5 – Selfie: Eu.	24
Figura 6 – Escala de tipo capilar.....	27
Figura 7 – O Grande Dia – Mobgrafia, 2016.....	35
Figura 8 – À esquerda, <i>Entre as Coisas</i> – Série: 1/9, Mobgrafia, 2016;	38
Figura 9 – <i>Entre o Lazer</i> , Série 9/9, Mobgrafia, 2016.	39
Figura 10 – <i>Cabelo Crespo</i> – Argila, 27x16 cm, 2017.	41
Figura 11 – <i>Não Toca</i> – Mobgrafia, 2017.	42
Figura 12 – <i>Eu Me Aceito (?)</i> – Fotografia Digital, 2020.	43
Figura 13 – Montagem do cenário.	48
Figura 14 – Montagem do cenário.	48
Figura 15 – Objetos de modelagem.....	49
Figura 16 – <i>As Vidas</i> , Videoarte, 2021.	50
Figura 17 – <i>Processos do corpo</i> , Videoarte, 2021.....	52
Figura 18 - <i>Lavando a Alma</i> , Videoarte, 2021.	53
Figura 19 – <i>Quem Falou que Eu Ando Só</i> , Videoarte, 2021.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MEMÓRIAS	15
1.1. Quem é mainha e painho?	15
1.2. Corte na infância	18
1.3. Alisamento na adolescência	22
1.4. O processo da transição	24
1.5. Homem negro e seu cabelo	27
1.6. Ouriçado e rebelde	28
1.7. Cabelo e identidade	30
2. PROCESSOS ARTÍSTICOS	33
2.1. A fotografia como processo artístico	33
2.2. O grande dia (2016)	34
2.3. <i>Autorretrato</i> (2016)	36
2.4. Cabelo crespo (2017)	40
2.5. Não toca (2017)	41
2.6. Eu me aceito (?) (2020)	42
3. DE LÁ ATÉ AQUI	45
3.1. A escolha da videoarte	45
3.2. Álbum de família	46
3.3. O som do processo	46
3.4. Como foi feito	47
3.5. <i>Cabelo</i> : processo artístico para a <i>videoarte</i>	49
3.5.1. <i>As vidas</i>	49
3.5.2. <i>Processos do corpo</i>	50
3.5.3. <i>Lavando a alma</i>	52

3.5.4. <i>Quem falou que eu ando só?</i>	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa artística e autobiográfica na qual busco refletir sobre meu processo de transição capilar e de aceitação do cabelo natural/crespo. Através das análises desse processo foi produzida a videoarte intitulada *Cabelo*: uma série de experimentações em audiovisual, fruto de reflexões da minha vivência e memória.

Tudo começou na atitude de realizar a transição capilar, em 2015, quando decidi assumir o cabelo natural e deixar transparecer sua textura. Nesse processo, não apenas pude ver meu cabelo grande pela primeira vez, como também conhecer outros processos que começaram a partir dessa transição. Para o que muitos ainda pensam, a transição não é simplesmente uma fase de mudança do cabelo, na qual o indivíduo fica por algum tempo com duas texturas – o cabelo “quimicamente tratado” e a textura natural – até fazer o *big chop* (grande corte)¹. Esse é um período de descobrimento, de aceitação de si, de autoconhecimento, de empoderamento e de autocuidado também.

Não é um período fácil, pois, para conviver com duas texturas de cabelo, é necessário adotar estratégias, como penteados, texturizações, dentre outras. Além do processo de transição e do *big chop* (B.C.), existe também a questão social do homem negro com seu *black*. Na minha casa, homem de cabelo “grandinho” já era um tabu, imagine um homem negro com o cabelo *blackpower* armado. Ninguém comentava ou falava nada diretamente sobre o assunto. Contudo, se ouviam determinadas palavras em forma de piadas e opiniões, as quais incidiam nas memórias de uma criança aprendendo a lidar com seu corpo. Isso me levava a aprender, desde pequeno, que homem não pode ter cabelo grande.

Fora de casa e convivendo em outros ambientes, como nas escolas onde passei, pude perceber também como é encarado o cabelo crespo masculino, sendo influenciado a cortar. Sabemos que o cabelo crespo carrega estigmas, pois não se encaixa no padrão europeu. Por isso, nosso cabelo é visto como ruim, duro, rebelde etc. Por esse motivo, muitos negros, como forma de se encaixar no padrão

¹ Cortar as pontas alisadas para dar lugar ao cabelo natural.

eurocêntrico, passaram a alisar ou a cortar seus cabelos. Conforme Nádía Regina B. Santos (2015),

A formação social do Brasil, desde o período colonial e no decorrer da branquitude, deu-se na instauração de alterações corporais impostas ao corpo negro, assim mudar a aparência dos cabelos através do alisamento foi reflexo dessa valorização do corpo branco e suas características. (SANTOS, 2015, p. 05).

Dessa forma, eu, que passei pelo processo de rejeição do meu corpo devido a imposições sociais ligadas ao processo de embranquecimento, e hoje estou com o meu cabelo natural (completei 07 anos de cabelo natural), quero descrever como tem sido esse processo de autoconhecimento. Este muito tem a ver com a minha trajetória de vida e a como venho enfrentando os processos racistas e machistas que padronizam o homem negro, desde a estética ao comportamento perante a sociedade.

Portanto, este trabalho artístico busca analisar as minhas vivências e memórias. Para essa análise, foi preciso dialogar com áreas, como Antropologia, Sociologia e Psicologia, e com autores, como Nilma Lino Gomes (2012), Kabengele Munanga (2008), Ângela Figueiredo (2002), Nádía Regina Braga dos Santos (2015), Antônio da Costa Ciampa (1984) e Stuart Hall (2006). Esses autores abordam questões identitárias e raciais, bem como Roland Barthes (1984), que ajuda a entender a relação corpo, câmera e imagem, dentre outros autores.

Nesse contexto, o projeto foi sendo criado aos poucos e, com o tempo, percebi quais caminhos seriam os melhores a tomar nesta investigação. Para o processo de criação, me baseei no livro *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*, da pesquisadora Cecília Almeida Salles (1998), no qual a autora fala sobre o desenvolvimento do processo artístico pela crítica genética. Esse conceito

é uma investigação que vê a obra de arte a partir de sua construção. Acompanhando seu planejamento, execução e crescimento, o crítico genético preocupa-se com a melhor compreensão do processo de criação. É um pesquisador que comenta a história da produção de obras de natureza artística, seguindo as pegadas deixadas pelos criadores (SALLES, 1998, p. 13).

Com as investigações durante a transição, surgiram leques de questões subjetivas sobre a minha personalidade e sua consolidação. Essas perguntas envolviam as memórias do lugar de onde vim, sua representação para a minha construção enquanto indivíduo, e o “eu” perante a sociedade. Dessa forma, este trabalho tem como eixos principais o processo de criação artística, a memória, a

identidade racial (negritude), o autoconhecimento e a autoestima. A pergunta norteadora, por sua vez, é: como o cabelo crespo influenciou na constituição do meu autoconhecimento e autoestima?

Assim, o objetivo geral é analisar a influência do cabelo crespo na constituição do meu autoconhecimento e autoestima. Para isso, elenquei alguns objetivos específicos para ajudar no processo investigativo: descrever minha relação com o cabelo durante minha trajetória de vida; apresentar os processos artísticos de autoconhecimento; produzir uma videoarte a partir desta pesquisa artística por meio da memória autobiográfica. A experimentação na videoarte constitui o movimento poético sobre a vivência com o cabelo; minha transição capilar; as percepções individual e social; as recordações e o enfrentamento ao racismo e machismo.

Para abordar melhor o tema, foi proposta a divisão em três capítulos. O primeiro, *Memórias*, contextualiza a minha relação com meu cabelo durante a vida e quais foram as influências sociais que me instruíram a manipulá-lo. Já o segundo capítulo, *Processos Artísticos*, reflete a minha trajetória na universidade e os processos artísticos que foram importantes para o autoconhecimento, autoestima, e para o tornar-se artista. Esses trouxeram questões existenciais, de sobrevivência, e fundamentais para as transformações pessoais. O terceiro capítulo, *De lá até aqui*, tem a finalidade de mostrar o meu percurso na busca do autoconhecimento, a medida que a autoestima se desenvolvia, frente a minha história de aceitação/transformação, e o processo de criação por meio das minhas experiências e memórias.

Sentimentos e emoções é a formação base desse processo, tendo como principal realizador “Rafael Jesus Santos”; logo, essa escrita é advinda das minhas memórias pessoais.

1 MEMÓRIAS

1.1. Quem é mainha e painho?

Mainha e painho – Antônia Jesus dos Santos e Gilmar Santos – são dois baianos que moram em Valença, município da região do Baixo Sul e da Costa do Dendê. Mainha nasceu no dia 02/03/1977 e painho no dia 05/11/1970; eles vivem desde então no bairro do Jambeiro. Mainha me teve aos 18 anos, quando painho

tinha 24 anos de idade. Enquanto minha mãe descende de um relacionamento inter-racial, meu pai descende de pai e mãe brancos.

Meus pais não tiveram tempos bons. Ambos, em suas vivências, precisaram trabalhar desde muito cedo para ajudar nas casas de meus avós. Painho começou a trabalhar desde os 6 anos de idade; estudou até a quarta série e sempre preferiu trabalhar para ele mesmo. Ele se viu melhor quando fez um curso de eletricista e passou mais de 15 anos de sua vida se dedicando a essa profissão.

Mainha, por sua vez, trabalha desde os 9 anos de idade e possui o ensino médio completo. Ela é da cidade de Wenceslau Guimarães – BA, e já relatou diversas vezes como era seu trabalho: ela precisava estar embaixo do sol escaldante junto com minha vó Helena para conseguir quase nada de remuneração. Ainda adolescente se mudou para Valença - BA e passou a viver trabalhando de doméstica, ou como ela fala, “trabalhando nas cozinhas dos outros”, e se dedica a essa profissão até os dias de hoje.

Minha família e eu moramos na comunidade do Jambeiro, mais especificamente, na “Invasão do Jambeiro”. Eles se mudaram para cá quando eu tinha ainda poucos meses de vida, lá pelo ano de 1995. Foi minha vó Betinha – mãe de painho – e minha bisavó São Pedro – vó de painho – quem conseguiram um terreno para ele durante uma invasão dessas terras. Daí o nome “Invasão do Jambeiro”.

Nessa parte do bairro, até os meus 15 anos de idade, tudo era mato e barro. Não havia nenhuma rua calçada, onde era localizada como “Invasão”. No início morávamos em uma casa de taipa², que foi levantada pelos amigos de painho (esse tipo de casa, nessa época, era muito comum por aqui, principalmente se tratando de uma “Invasão”). Aos poucos, e com muito esforço e sacrifício, eles – painho e mainha – ampliaram a casa e mudaram o material de construção, sendo hoje uma casa de tijolos de bloco.

Figura 1 – Mainha disse que era a nossa primeira casa – Álbum de família.

² Parede de construções rústicas, feita de barro (a que se misturam às vezes areia e cal) comprimido numa estrutura entretecida de varas ou taquaras; pau-a-pique: casa de taipa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/taipa/>.



Fonte: Acervo pessoal do Autor.

Na figura 1 (acima), é possível ver a casa onde morávamos: uma casa toda de barro, com uma porta e uma janela na entrada. Lembro que nessa casa tinha uma pequena sala, um quarto, a cozinha e, na parte externa dos fundos, o banheiro feito com lona. Nessa época não havia chuveiro, apenas água encanada que enchia os baldes que utilizávamos para higiene pessoal. Ela tem a característica inicial do meu ser, no qual trago as minhas primeiras memórias.

O título da imagem, “Mainha disse que foi nossa primeira casa”, empregado por mim, vem da lembrança que não foi apenas essa casa que moramos tendo essas características. Vendo a foto um tanto degradada, não consigo ter a certeza de que foi ela mesma a nossa primeira casa; porém, em uma conversa com mainha, ela disse ter sido sim a primeira.

Retomando as histórias de meus pais, elas são carregadas de superação, se analisadas até os dias de hoje. Falar sobre meus pais e essa trajetória traz a significação da figuração familiar dentro deste ambiente, e familiariza o contexto em

que vivíamos. É possível ver, em suas memórias, mesmo que rapidamente, que a preocupação com a sobrevivência independia da identidade racial. Ambos sabem de sua descendência, mas nunca levaram em consideração o fator racial como processo de sobrevivência, não ao menos conscientemente.

1.2. Corte na infância

Ainda lembro de quando painho me levava ao barbeiro para cortar meu cabelo. Naquela época, em que eu tinha lá para os meus 3 ou 4 anos de idade, minha rotina semanal era cortar o cabelo sempre do mesmo jeito, o tão famoso corte social³. Painho falava “Passa a dois em baixo e a tesoura em cima”. Segundo ele, homem tem que estar sempre com o cabelo cortado; fora desse padrão, era “pivete”⁴, dentre outros adjetivos que ele atribuía ao cabelo fora do seu padrão.

Painho não era muito de falar, foram poucas as vezes em que nós tivemos algum tipo de conversa de pai e filho, mas ele mantinha sua responsabilidade de estar presente da forma dele. Quando sentia que meu cabelo estava na hora de cortar, ele me levava ao barbeiro da rua. Eu o conhecia como “Gene”; a casa dele era um pouco distante, mas dava para ir a pé, e era no mesmo bairro que moro. Andávamos algumas ruas até chegar em sua casa aos sábados, e às vezes, aos domingos.

Meus pais também seguiam um determinado padrão. Painho mantinha o estilo de cortar o cabelo bem baixo, com a barba cortada. Ele saía todos os dias para trabalhar pela manhã e voltava à noite, para me buscar na casa de vó Helena – mãe de minha mãe. A vestimenta dele era: uma camisa polo; calça jeans (muitas vezes rasgadas por conta do trabalho); sapato, que ele dizia que era para proteger os pés de impactos; um cinto e a pata-pata, que era de lei. Além disso, era dono de um bigode irreverente, um charme para época. Às vezes, quando conversava comigo, ele me dava algumas lições de moral sobre como o trabalho dignifica o homem e como a boa aparência abria portas para o mercado de trabalho. Nessa época, ele

³ “O corte social masculino é curto nas laterais e levemente mais longo na parte de cima. O formato acompanha a cabeça, o que o torna um corte bem limpo, sem linhas marcadas e levemente repicado.” <https://todecacho.com.br>.

⁴Gíria: Menino(a) ladrão, ou que anda com gatunos, auxiliando-os. (<https://www.dicio.com.br/pivete/>).

trabalhava na maricultura da cidade, e depois começou a prestar serviços de eletricitista e a trabalhar para ele mesmo.

Já mainha mantinha o cabelo na chapinha de ferro, ou no pente de ferro, ambos esquentados na brasa; sempre me perguntava como aquilo não queimava seu couro cabeludo. Descobri mais tarde que queimava sim, mas que era um risco a ser corrido para ficar bonita. Até hoje, ela mantém o emprego de Secretária do Lar e tinha o mesmo diálogo que painho sobre o meu cabelo: comentar que estava grande e precisava cortar; porém, a função de me levar ao barbeiro era exclusivamente de painho. Mainha dizia que, se um dia eu aparecesse com um risco na cabeça ou na sobrancelha, ela mesma tiraria o resto com a faca; apesar de não acreditar que ela faria isso, eu achava melhor não arriscar. Era ela quem mais conversava comigo, mas não muito sobre cabelo; na verdade, esse assunto nunca foi prioridade em casa. Hoje em dia é que estou tendo essas percepções sobre tais influências.

Os pensamentos de crescimento uniam meus pais: ambos priorizavam ter uma vida melhor, onde a casa deixaria de ser de pau-a-pique e passaria a ser de tijolo, teria mais cômodos, seria de laje e teria um quarto para cada filho. Na imagem abaixo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), tirada na festa de aniversário de 1 ano da minha irmã Emilly, em 2004, é possível ver essa felicidade. Ela, assim como todas as demais, não só me mostra a felicidade, mas me permite um olhar antropológico sobre quais as primeiras influências na minha vida, e com isso a manipulação capilar também. Afinal, o fator cultural acompanha a identidade individual, como é destacado por Stuart Hall (2006) sobre o sujeito sociológico.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

Figura 2 – Mainha e painho – Álbum de família.



Fonte: Acervo pessoal do Autor.

Nesse sentido, trago a memória de como eram moldados nossos cabelos antes mesmo de qualquer intervenção sobre o assunto. As figuras 3 e 4 trazem a minha infância e o início da pré-adolescência, mostrando meus familiares com cabelos alisados e lisos, mas nenhum com cabelo grande e natural; na época, não existia nenhuma referência de cabelo cacheado ou crespo. Todos nós poderíamos ter, mas não chegou o processo de entender seus traços. Na verdade, o que mais se ouvia entre meus familiares eram as piadas, ainda ofensivas, sobre “cabelo duro”,

“toinhoinho”, “mucuin” e diversos outros adjetivos pejorativos aos traços negroides. Logo, havia o afastamento da perspectiva da identidade negra: a única coisa que não era possível ser mudada era a tonalidade da pele, mas a aproximação do padrão branco era o mais vigente dentro do contexto familiar.

Na figura 3, tem-se minha mãe sentada, minha tia ao meu lado esquerdo, com o braço sobre meu ombro, e meu tio do lado esquerdo. Já na figura 4, há uma outra tia minha, em primeiro plano, encostada numa bicicleta, além de minha mãe sentada e eu logo atrás dela.

Figura 3 – Mainha, tia, tio e eu – Álbum de família.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 4 – Mainha, tia e eu – Álbum de família.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

1.3. Alisamento na adolescência

Desde a infância até parte da adolescência, o padrão de cabelo foi o mesmo, e somente aos quinze anos de idade que mudei. Eu não tinha muitos amigos nessa fase; na verdade, tinha alguns conhecidos, mas que nos falávamos quando dava para falar. Sempre fui muito sozinho em termos de amizade e buscava ser aceito em algum grupo; nas escolas por onde passei, era assim.

Quando ingressei no Ensino Médio, consegui finalmente me integrar em um grupo, o qual me sugeriu passar por uma “repaginada”, com o intuito de me ajudar a conquistar uma garota que eu gostava na época. Foi aí que deixei o cabelo crescer, não para assumir o *black*, mas para alisar. Minha decisão de alisamento não foi tanto por uma conquista, mas iniciou com as primeiras piadas do grupo referente ao meu cabelo. Lembro que foi a primeira vez que pensei no meu cabelo como um incômodo. A manipulação da época era a mesma que foi ensinada pelos meus pais e, de quebra, carregava uma pata-pata no bolso também.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste (GOMES, 2002, p.03).

Desde o primeiro ano do Ensino Médio, comecei a entrar no padrão de, a cada sete dias, passar alisante no cabelo. O primeiro produto usado foi o Analéa, que nada mais era que um alisamento capilar instantâneo. Ele possuía tanta química que queimava meu cabelo, deixando-o com um aspecto amarelado e com a textura ressecada. Além disso, o uso estava criando bolhas e feridas no meu couro cabeludo, assim como mainha, que queimava o dela para ficar bonita também. Isso porque esse e outros produtos que alisam e relaxam os cabelos são prejudiciais, por terem componentes que podem prejudicar a saúde capilar, causar feridas na pele, dermatite seborreica e câncer; sem contar o pente ou a prancha de ferro.

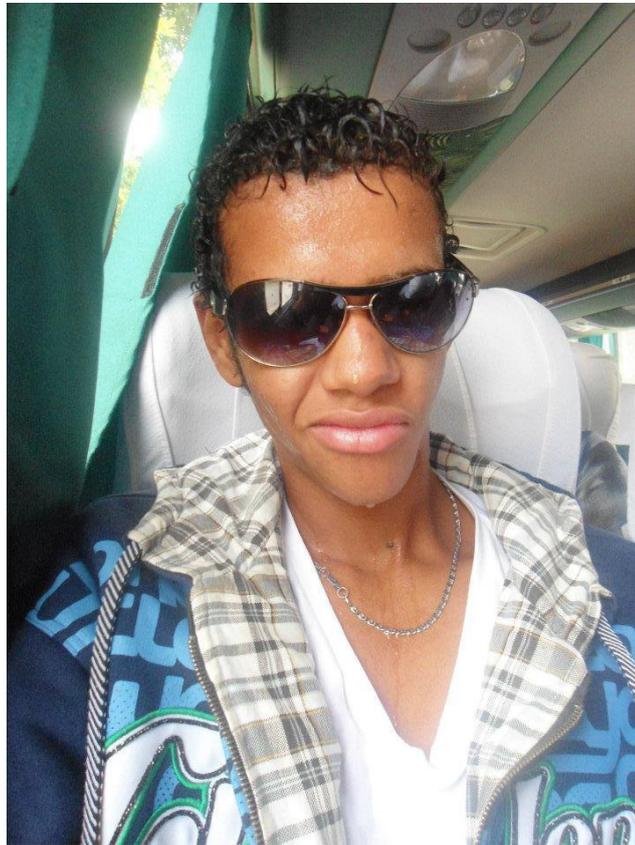
Os produtos relaxantes que contêm em sua composição hidróxido de sódio ou tioglicolato de amônio como compostos ativos podem causar os seguintes efeitos adversos: caspa, prurido do couro cabeludo, queimaduras no couro cabeludo, cicatrizes de couro cabeludo, enfraquecimento do cabelo, quebra do fio, perda de cabelo no couro cabeludo e mudança na cor do cabelo (SIMEÃO, 2020, p. 30).

Passei a utilizar outro produto químico quando comecei a trabalhar, já no segundo ano do ensino médio; esse produto, o qual não recorro o nome, era menos agressivo. Era um relaxamento capilar que cacheava o cabelo instantaneamente. Apesar de menos agressivo, a todo momento tinha que se molhar o cabelo para manter o efeito do produto, porque, quando secava, ele ficava áspero e amarelado. Um exemplo disso está na imagem abaixo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), na qual é possível observar a água escorrendo pelo meu cabelo.

Essa foto eu tirei quando estava viajando para Vitória da Conquista – BA, para visitar uma tia minha. Fazia mais ou menos dois dias antes de entrar nesse ônibus que eu havia aplicado o relaxamento, e ele já estava áspero e seco. Por isso, no percurso, que durou 7 horas, levantei diversas vezes para molhá-lo. Nessa época, existia uma tentativa de me sentir bem, de ter autoestima e de acreditar que estava bonito, mesmo que no fundo não me sentisse desse jeito. A fotografia eterniza esse momento, mas não o sentimento. Essa imagem não fala somente da parte externa

sobre quem eu era, mas da interna também. Nada em meu corpo, nessa imagem, se torna real. O Rafael de hoje vê essa imagem, mas não vê a si.

Figura 5 – Selfie: Eu.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nunca me senti representado pelo alisamento, mas, se estar dentro de um grupo, se a conquista e se a autoestima significava isso, então assim o fiz. Alguns anos mais tarde, finalmente, veio a transição capilar na universidade, já em tempo de mudança.

1.4. O processo da transição

Em 2015, na universidade e aos 21 anos, iniciei a transição capilar e interrompi o uso da química de alisamento, deixando o cabelo crescer naturalmente. Durante o processo, senti alguns incômodos internos: imaginava o que meus pais e as pessoas iriam falar; se receberia apoio ou críticas desconstrutivas a ponto de me fazer desistir. Era algo totalmente novo para mim. Então, em vez de raspar a cabeça, deixei crescer

normalmente, com a química ainda sobre o cabelo. Foi com seis meses depois que fiz o “grande corte” para me livrar do cabelo quimicamente tratado. Ao vê-lo todo enroladinho e curtinho, me veio uma alegria misturada com o medo e a ansiedade: medo pelos comentários e ansiedade para vê-lo logo no seu ápice do crescimento.

Nesse momento, aprendi a ter paciência com o crescimento e com sua textura. Sonhei com um determinado tipo, aqueles que via no *Youtube*, *Instagram* e *Facebook*, com cachos todos soltinhos, mas quando o meu cabelo começou a crescer, percebi que não era bem a textura que eu esperava. De início, fiquei frustrado, mas aos poucos, aprendi a lidar com esse sentimento e comecei a entender sobre os tipos de texturas que nossos cabelos têm. Lindozo (2017), citado por Souza, Durões e Costa (2020), fala que

(...) os cachos são divididos em três grupos diferentes, sendo classificados como (tipo 2) ondulados; (tipo 3) cacheados e (tipo 4) crespos, estes grupos sendo subdivididos em (A) cabelos com ondulações mais soltas, (B) ondulações mais definidas e (C) cabelos com cachos menores e são mais definidos. (p. 3)

O ano de 2015 foi o ano do cabelo cacheado e crespo, principalmente para as mulheres. Começava o mercado a fornecer os produtos capilares específicos para nosso tipo de cabelo. Nas estantes das lojas ou estabelecimentos, estavam lá cremes, hidratações e vários outros produtos capilares, bem diferente dos anos 80. Nessa época, “(...) existia um número bastante reduzido de lojas especializadas na venda de produtos para o cabelo” (FIGUEIREDO, 2002, p. 3), principalmente para cabelos crespos. Ainda segundo Figueiredo (2002), um grande desenvolvimento nos produtos voltados ao público negro ocorreu com o surgimento da revista *Raça Brasileira*, em 1996.

Após o lançamento da *Raça*, diversas matérias de jornais e revistas têm registrado o surgimento de produtos específicos para os negros, ou, produtos étnicos, como preferem. Curiosamente, a descoberta do consumidor negro ainda se restringiu ao consumo de produtos para o corpo, quer sejam na forma de hidratantes, produtos para maquiagem, como por exemplo, sombras, batons e *blushes*, mas a grande maioria deles são para o cabelo (FIGUEIREDO, 2002, p. 4).

⁵ Uma publicação com periodicidade mensal direcionada ao público negro e atualmente produzida pela Editora Escala. A revista dirige-se, mais especificamente, a “homens e mulheres de classe A/B/C, dos 20 aos 49 anos”, conforme o site da Editora Símbolo” (PINHEIRO; MAGALHÃES, 2011, p. 45).

Nesse aspecto, nota-se o início da valorização da mídia impressa, no início dos anos 80, até o avanço das mídias digitais no início da primeira década dos anos 2000. Ao longo dos anos, com a mídia digital em alta e com mais pessoas curiosas em saber sobre seu cabelo natural, surgiam, nas redes sociais, cada vez mais Digitais Influencers⁶ ensinando sobre cuidados capilares. Se não tem muito dinheiro, não tem problema, bastava ver algum canal no *Youtube* e pronto. Lá estavam dicas de como cuidar do seu crespo/cacheado por completo e de forma barata, além de conhecer as histórias de transição.

Na época em que comecei minha transição (2015), não tinham muitos homens falando sobre cuidados capilares; então, me inspirava nas mulheres que se mostravam mais informadas sobre os cuidados com cabelos crespos e cacheados. Eram, e ainda são, diversas as influencers; porém, a qual eu mais acompanhava era o canal de Luany Cristina⁷, por ter um cabelo com textura mais próxima a minha. Com ela, aprendi a lidar muito com meu cabelo e os processos.

Para saber qual o meu tipo de cabelo, utilizei uma tabela semelhante ao da imagem abaixo (figura 6), e comparei com alguns fios de diferentes partes. Então, pude constatar que existem variadas texturas, mas as que prevalecem mais são os tipos 3c e 4a. Por conta das ondulações, os cabelos passam pelo fator denominado “fator encolhimento”, que é aquele cabelo comprido, porém, encolhido por conta da ondulação dos fios.

⁶ O digital influencer é um formador de opinião capaz de influenciar multidões de seguidores em mídias sociais, como *You Tube*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

⁷ “Olá, sou Luany Cristina, carioca, conhecida como DIVA DO BLACK. O canal tem um objetivo que é fortalecer outras mulheres pretas, elevando sua autoestima através dos cuidados capilares e embelezamento estético.”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/LuanyCristina/about>>.

Figura 6 – Escala de tipo capilar.



Fonte: Nativa Cachos⁸.

Além de acompanhar essas influencers, eu, enquanto universitário e morador de São Félix e Cachoeira - BA, ainda tinha o incentivo dos amigos. Com eles, poderia compartilhar informações referentes ao tratamento capilar e à negritude. Contudo, toda a problemática desse contexto foi a volta para casa.

1.5. Homem negro e seu cabelo

Depois do B.C., resolvi deixar o cabelo crescer; porém, dentro de uma sociedade machista e racista, o cabelo crespo grande representa algo fora do padrão masculino, já que cabelo grande é para as mulheres e o curto, para os homens. Mesmo para as mulheres poderem, ou serem doutrinadas a, ter o cabelo grande, o padrão aceito ainda é o alisado.

⁸ Disponível em: <https://nativacachos.com.br/tipos-de-cachos/>.

Por isso, eram recorrentes as vezes em que voltava para Valença nas minhas férias e ouvia comentários e piadas sobre meu cabelo. Alguns em tom de curiosidade, o que não me importava tanto, mas ainda assim me incomodava, pois o que era apenas cabelo para mim, para os outros parecia algo de outro mundo; já outros, em tom de inferiorização. Custou um tempo para que as pessoas apenas se acostumassem com a ideia de me ver com cabelo natural grande.

Houve uma cena específica em minha casa, e que não me sai da memória: durante a visita de um primo distante à minha casa, minha mãe me chamou na sala para que ele pudesse ver como eu estava. Eu já sabia a intenção, mas ainda assim eu fui e, quando ele me viu, ouvi primeiro os risos. Em seguida, o primeiro comentário foi “me dá um pouco para lavar alguns pratos? Tá precisando de bucha lá em casa”. Foi o suficiente para que eu me retirasse imediatamente da sala. Não chorei, apenas voltei ao quarto, coloquei os fones de ouvido, e fiquei até ele se retirar. O que mais me doeu foi esse comentário ter sido feito por um homem negro também.

Meu cabelo grande representou para meu pai tudo o que, na infância, ele havia falado sobre a importância da boa aparência para conseguir um emprego. Chamava-me a atenção a sua forma de se expressar: como sempre, um homem bruto. Por isso, discutimos diversas vezes sobre essa mudança e dava para ver seu olhar de reprovação e decepção; mas sentia também um ar de preocupação. Enquanto homem negro, foi/difícil para mim entender como que meu cabelo pode ser um problema tão grande para a sociedade: ou o indivíduo é rebelde em suas ações e mostra para que veio, ou a sociedade o engole sem dó nem piedade. Quanto mais dentro do padrão estivermos, melhor para o controle.

1.6. Ouriçado e rebelde

Apesar de todo esse processo, me construí a partir dessas situações. Eu acredito que, de fato, era aquele menino rebelde que meus pais falavam, pois aqueles eram os momentos em que estava para saber se eles me apoiavam ou não. A depender das minhas conclusões, ainda queria saber o que poderia fazer para mudar (se seria possível mudar) tanto minhas ações, quanto as deles, numa espécie de conciliação nas quais pudéssemos nos equilibrar. Em vez de apenas julgar meus

pais e minha família como reprodutores do racismo, eu queria entender de onde essa cultura vinha e como eu poderia mediar isso tudo.

A partir de então, passei a querer entendê-los, mas esse processo é contínuo, pois minha família tem uma certa resistência a pensamentos novos. Comecei a disseminação da “rebeldia” com minha irmã do meio, Emilly Jesus Santos, por algumas situações anteriores na sua história. O cabelo da minha irmã também é crespo e, quando ela era mais nova, adorava dançar interpretando Joelma, ex-vocalista da antiga banda Calypso. Então, ela soltava os cabelos, pulava, jogava a cabeça para frente e para trás. A cena dela interpretando uma mulher branca e loira, sendo ela uma garota negra e de cabelo crespo, era um prato cheio para as piadas e risos dos vizinhos e familiares; inclusive, eu era uma dessas pessoas. Não falava nada, mas acompanhava a plateia no riso. Isso fez com que minha alisasse o cabelo de minha irmã ainda muito cedo, com apenas 7 anos de idade.

Nos meus processos reflexivos na universidade, pensei sobre esses acontecimentos e comecei a pesquisar algumas coisas. Mesmo à distância, passei a conversar com minha irmã e sobre o que ela achava do cabelo dela e depois, enviei algumas referências de cabelo crespo que acreditava parecer com o dela. Lembro que enviei algumas imagens da filha de Will Smith, Willow Smith. A partir do momento que ela disse que gostou dos cabelos e dos penteados, comecei a incentivá-la a passar também pela transição, o que praticamente se tornou uma guerra em casa. Eu, homem, filho mais velho; e minha irmã, mulher, a filha do meio. Em uma sociedade machista, apesar da rebeldia, eles aceitavam mais tranquilamente o meu processo, também por já ser maior de idade. Contudo, minha irmã, aos 13 anos fazendo a transição? Aí já era demais para eles. Mesmo assim, o processo continuou e hoje ela tem um lindo *black power* para ostentar.

Falar sobre a importância do cabelo afro para a identidade foi o meu primeiro ato de incentivar meus parentes a entender sobre nossas raízes e sobre si mesmos. Depois da guerra, veio a bonança: meus pais ao menos respeitaram nossos processos. Não que tenham gostado ou entendido, mas passaram a nos olhar de outra forma. Reaprendi também, nesse processo, algo como o respeito, principalmente aos mais velhos. Digo isso porque, durante essa fase, passei por cima de suas autoridades algumas vezes. Incentivar minha irmã, por exemplo, poderia ter

sido através de outra abordagem, que não a rebeldia em si. Com o tempo, minha mãe passou até a querer saber de nós como cuidar do cabelo, mesmo o dela estando até os dias de hoje quimicamente tratado.

Nesse processo pessoal, as situações que se passaram mostram como a sociedade enxerga e age com os nossos corpos, não somente pela cor da pele e traços, mas também pelo gênero. Minha irmã teve seu corpo muito mais agredido, por ser uma mulher negra, em uma sociedade que a enxerga como submissa.

Quanto a aceitação de nosso cabelo e aos nossos novos pensamentos, passei a transmitir mais empatia aos meus pais e a obedecê-los. Acredito que, de qualquer forma, deve haver uma troca de benefícios. Nem todos os caminhos trilhados necessitam de intrigas e entendê-los em suas realidades foi, e ainda é, necessário para o pensamento criador. Então, foi entendido o papel de cada um no ambiente familiar e, desde então, a socialização dentro de casa tem sido de menos embate.

1.7. Cabelo e identidade

Vale salientar que o processo de transição foi para além de descobrir a textura do meu cabelo; nesse processo passei a entender sobre a minha identidade racial. Até antes da minha transição capilar, pouco sabia sobre o assunto, e foi a partir desse processo que me interessou discuti-lo. Para abordar a percepção da identidade racial, acho interessante compreender primeiro o conceito de identidade.

Na perspectiva de Stuart Hall (2006),

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13) .

Como Hall descreve, a identidade não é fixa e é continuamente deslocada, dando espaço para processos distintos ao indivíduo, para construções de novos aprendizados e para a formação de experiências. Esses processos são vistos também pelo pesquisador Antônio da Costa Ciampa (1984), que dá o nome de

“metamorfose” ao sujeito que vive em constante transformação, de acordo com sua própria individualidade e interação com outros indivíduos. Ciampa, citado por Farias e Souza (2011), diz que, para acontecer a metamorfose, o movimento da identidade, é preciso passar pela superação do padrão identitário preestabelecido.

Identidade é movimento, porém, uma vez que a identidade pressuposta é repostada pelos ritos sociais, passa a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal e constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose (CIAMPA, 1984 *apud* FARIA; SOUZA; 2011).

Hall (2011) ainda determina a identidade cultural como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’, a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2011, p.8). Trazendo para minha realidade, a minha construção de identidade ocorreu na ausência de discussões relacionadas às questões étnico-raciais. Apesar das problemáticas, das piadas racistas e da padronização do cabelo, não haviam representações que conscientizassem sobre essa pauta. Lima e Silva (2017), falam que

As identidades são marcadas, portanto, por tensões e relações conflituosas entre os agentes sociais. Estes conflitos nas relações figuram, muitas vezes, os estereótipos, os preconceitos sociais, que legitimam a exclusão, presentes na constituição social e identitária da atualidade (LIMA; SILVA, 2017, p.39).

Por não haver discussões em casa, eu tinha uma visão do corpo preto: aquele corpo que eu não gostaria de ter, pois pouco era valorizado ou enaltecido. Involuntariamente, eu focava mais em corpos brancos. O que eu observava neles que me atraía mais do que aos corpos negros? Olhos, boca, cabelo, ideais, estilo de vida; talvez. Sei que tentava reproduzir do outro o que gostaria de ter em mim; logo, o “quem sou eu?” significava não ser negro. Portanto, a mudança desses ideais possibilita a conscientização do indivíduo perante a si e à sociedade, ressignificando a própria vivência e a dos seus semelhantes.

A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. É a razão pela qual cada povo faz um esforço para conhecer e viver sua verdadeira história e transmiti-la para as futuras gerações. Razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização, para destruir a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados (MUNANGA, 2012, p. 10).

No processo da transição capilar, durante as interações sociais, surgiam questões sobre a negritude e sobre o que esse processo representava para mim, se eu me entendia enquanto homem negro. Nesses momentos, para ambas as questões, não soube responder; falei apenas que a transição era para saber como seria meu cabelo natural e que nunca tinha pensando sobre a questão da negritude.

Hoje o conhecimento sobre a identidade racial tem ampla discussão, o que torna o indivíduo mais próximo de si. Naquele período, não me reconhecia enquanto homem negro, mas agora tenho a possibilidade de voltar aos processos vividos e rever o que minha trajetória significou e quais mudanças posso promover. Minhas primeiras escritas na instituição, para apresentação de alguns trabalhos, eram falando sobre esse “atraso” na percepção étnico-racial.

Munanga (2012) fala que a identidade étnico-racial no Brasil é complexa, pois nossa história foi sempre contada pelo ponto de vista do “outro”. Além disso, para haver a reconstrução da memória da cultura negra, é preciso esquecer, ou ressignificar, o que foi nos ensinado negativamente sobre a identidade cultural que recaí sobre a identidade individual do negro, resgatando a história e autenticidade dessa comunidade. Estar em outro espaço, conhecendo novas culturas, possibilitou poder conhecer também a mim. Passei a considerar essas novas percepções como a “metamorfose”.

2. PROCESSOS ARTÍSTICOS

2.1. A fotografia como processo artístico

Neste capítulo, apresento meus processos artísticos que aconteceram na universidade. É importante salientar que, para eles, não foquei somente no cabelo crespo, mas no corpo em si. Nas reflexões, foram abordados temas que se configuram entre memória, autoimagem e negritude, buscando também refletir a fotografia no processo de autoconhecimento e autoestima.

Quando busco os processos de criação no percurso, procuro constatar o alinhamento utilizado e seu significado para o processo atual. Assim, a escrita é desenvolvida de acordo com o meu percurso que tange as memórias do processo criativo. São diálogos entre o meu “eu” e as memórias, na busca da concretização artística. Portanto, os processos artísticos se caracterizam pela construção no percurso criador, que significa os caminhos para chegar até a obra.

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único (SALLES, 1998, p. 37).

Nesse contexto, a fotografia foi um dos meus primeiros processos de expressão artística na universidade, trazendo também para o campo de atuação profissional. Inicialmente, trabalhei com suporte básico, como o celular digital, que não deixa de ser uma forma de produção. Afinal, os materiais utilizados para esses processos não devem ser apenas refletidos com a utilização de ferramentas caras e avançadas; na verdade, o que valerá serão a intenção e a forma de abordagem para a expressão artística, além dos caminhos que formam, ou formaram, o movimento do sujeito.

Nessas diferentes formas de registro são encontradas idéias em estado germinal, reflexões de toda ordem, fotos ou artigos de jornal. É claro que essa lista é praticamente infinita: cada artista em cada processo poderá fornecer um novo item. De um modo geral, pode-se dizer que o artista faz provisões: recolhe, junta e acumula o que lhe parece necessário. São registros verbais, visuais ou sonoros de apropriação do mundo, ou melhor, registros na forma mais acessível naquele momento (SALLES, 1998, p. 122).

É importante também frisar que o processo de autoconhecimento, iniciado ao adentrar a universidade, não foi uma busca consciente, e sim, a partir de uma vivência. A escolha da fotografia foi para além da carreira profissional, pois passei a buscar nela a possibilidade de formação artística, que me levasse ao processo de me conhecer melhor. Muito dessa escolha se deu por uma tentativa de identificar e entender os processos do meu corpo. Tais buscas se dão pela conexão consigo, em uma espécie de hibridismo, onde a máquina e o corpo permitem se fundir.

A fotografia instiga meu corpo à busca pela sua identificação, mesmo que no momento do clique a ideia ainda esteja confusa. Sou aquilo ou aquele que está sendo observado pela objetiva; sou objeto de mim mesmo, indo além do olhar físico, não sendo apenas um corpo retratado, mas também aquilo que desejo retratar e perceber com a imagem.

Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a fotografia cria meu corpo ou o mortifica a seu bel-prazer... (BARTHES, 1984, p.22).

2.2. O grande dia (2016)

No ano de 2016, decidi fazer o meu B.C.: em um determinado dia, pensei na possibilidade de cortá-lo. Já estava ansioso há tempos por esse momento e me lembro que quem fez o corte foi Rubi, uma moradora da residência da época e de quem tive bastante incentivo para fazer a transição. As influências que aconteciam naquele momento eram de outra forma diferente às anteriores, as interações traziam um tom de alívio e não mais de introspecção. Essas novas interações me fizeram sentir acolhido. Assim, posso dizer que Cachoeira e São Félix - BA fizeram parte da transformação do meu “Eu”.

Conversando com alguns amigos, eles me ensinaram como cuidar do cabelo; quais óleos poderia usar para não ressecar os fios; quais poderiam ser usados no couro e quais auxiliavam no crescimento; qual cronograma ideal para o meu tipo de cabelo; qual o meu tipo de cabelo; e tantas outras dicas que me ajudaram, principalmente na autoestima.

Nesse sentido, a figura 7 foi elaborada pensando no medo e na ansiedade que o “Grande Corte” proporciona. O primeiro pensamento é o de estar feio, seguido pelo

pensamento julgador da sociedade: “será que vão gostar?”, “Quero desistir”, “Vou raspar logo tudo”. Ela apresenta o que considero o segundo momento – sendo que o primeiro é a transição entre minha casa e os aconchegos da Casa de Estudantes – entre o Rafael anterior e o posterior, trazendo o Grande Corte para tal significação.

Figura 7 – O Grande Dia – Mobgrafia⁹, 2016.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em frente ao espelho, apenas com uma tesoura na mão e o meu reflexo; nem ao menos consigo me ver, mas acredito estar bem, ou que irei ficar bem depois desse grande momento. O que significa essa mudança? Estarei preparado para essa responsabilidade?

⁹ Mobgrafia: é um movimento que estimula a arte fotográfica e visual produzida (captada, editada e compartilhada) em plataformas móveis. Celulares, tablets, não importa. Tudo é arte e movimento.

2.3. *Autorretrato* (2016)

A mudança da casa dos meus pais, na minha terra natal – o primeiro momento como dito mais acima –, para os “aconchegos” da residência universitária, em São Félix - BA, em primeira instância, foi de alívio. Afinal, me sentia preso, tanto pela minha casa quanto pela cidade. Já inserido na Universidade, conheci alguns lugares que foram interessantes, como o alojamento, a Residência Ademir Fernando Senna Gonçalves, que possui a política de “acolhimento”¹⁰. Lá, fui recebido por Gilson, tendo Leonardo como mediador para que eu pudesse ficar na residência dentro desse critério, enquanto não passava pelo Programa de Permanência Qualificada (PPQ)¹¹.

De tudo que me foi apresentado, acolhi o que mais me interessava, como a confraternização. Na área onde ficavam as cordas dos varais, era o local onde poderia jogar capoeira, dançar, conversar, compartilhar ideias e reclamar de alguém que esqueceu as roupas já secas no varal. Eram/são culturas de diversos lugares convivendo em um único local, tentando dialogar. Inicialmente, eu ficava de longe como observador e as vezes, como locutor. Na casa também tive experiências de compartilhamento dos afazeres domésticos, como lavar roupa e pratos, varrer a casa, limpar os móveis, fazer conta para saber quanto poderia gastar no mês, realizar a feira do mês, dentre outros. Essa experiência me fez perceber o senso de empatia, trazendo a reflexão para a composição desse processo.

Autorretrato (2016) apresenta a relação do “Eu” nesse novo ambiente de convivência, dialogando e compartilhando sentimentos e aprendizados com outras pessoas, trazendo também uma das minhas primeiras experiências com a fotografia. Um dos primeiros processos de diálogo comigo mesmo rodeava questões como: será que estou onde deveria estar? Fiz a escolha certa ao vir para este lugar? Estar longe de casa me deixou cercado de dúvidas, ainda mais estando naquele espaço desconhecido, no qual, particularmente, não sabia o que esperar; porém, escolhi me

¹⁰ A política de acolhimento faz parte de decisões internas da Casa de Estudantes Ademir Fernando de Senna Gonçalves em que o estudante ingresso, que ainda está no primeiro semestre em condições de alta vulnerabilidade financeira, faz o pedido ao Coletivo de Gestão da Casa, e através da história verbal, é possível dizer se o ou a ingressante fica ou não na Casa. Muito raro alguém não ficar, na verdade não soube de nenhum pedido que tenha sido recusado. Esta é uma ação tradicional que se iniciou desde o nascimento da Casa de Estudante aqui citada, sendo passada para todos os ingressantes que passam a morar, e cabe a cada quarto decidir, junto com os moradores que compõem o apartamento, como se dará as regras de convivência.

¹¹ Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/portal/component/chronoforms5/?chronoform=ver-servico&id=49>.

permitir experimentar tudo à minha volta. Não foi um processo fácil e com isso, foi preciso me adaptar.

Nesse contexto, Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008), na Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), trazem uma análise sobre a entrada do aluno no ambiente acadêmico, destacando pontos-chaves para a vida longe de casa e em meio a novos convívios.

O ingresso no ensino superior é uma transição que traz potenciais repercussões para o desenvolvimento psicológico dos jovens estudantes. Em primeiro lugar, ela representa muitas vezes a primeira tentativa importante de implementar um senso de identidade autônomo, tentativa esta traduzida por meio da escolha profissional (ou tentativa de escolha), que é uma tarefa típica do desenvolvimento na passagem da adolescência para a vida adulta (Teixeira; Dias; Wottrich; Oliveira, 2008).

Sem saber, me pus como investigador do meu cotidiano. Me sentia perdido, mas me interessava testar todas as possibilidades que meu corpo e consciência me permitiam, começando por dentro da minha nova casa. A residência me proporcionou os primeiros momentos de redescobertas, na qual o compartilhamento se fez presente na construção do novo processo.

Para a composição deste, foi feita uma série de fotografias em caráter experimental, composta por nove imagens em diferentes lugares da Residência. Cada uma delas é nomeada com a palavra *Entre*¹² "...", que se refere à minha inserção a esse novo ambiente, onde estou localizado: o que me rodeia, e o "Eu" estando "Entre" esses lugares. Essa palavra é seguida de outra, referente ao ambiente ou a situação do cotidiano. Por exemplo, *Entre as Coisas* é a frase que designei para a primeira imagem, que considero o amontoado geral das minhas coisas que está na prateleira, e que foi também o ponto inicial dessa ideia. Esta significa um pedaço dessa nova vivência, e assim segue: *Entre as Coisas* e *Entre o Amanhecer* (figura 8); *Entre o Banho* e *Entre o Café da Manhã* (figura 9); *Entre as Louças* e *Entre a Lavanderia* (figura 10); *Entre as Roupas* e *Entre os Textos* (figura 11); e *Entre o Lazer* (figura 12).

¹² "A meio de (dois espaços, dois tempos, duas situações etc.)." Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/entre>>.

Figura 8 – À esquerda, *Entre as Coisas* – Série: 1/9, Mobgrafia, 2016;
à direita, *Entre o Amanhecer* – Série: 2/9, Mobgrafia, 2016.



Fonte: Acervo pessoas do autor.

Figura 9 – À esquerda, *Entre o Banho* – Série: 3/9, Mobgrafia, 2016;
à direita, *Entre o Café da Manhã* – Série: 4/9, Mobgrafia, 2016.



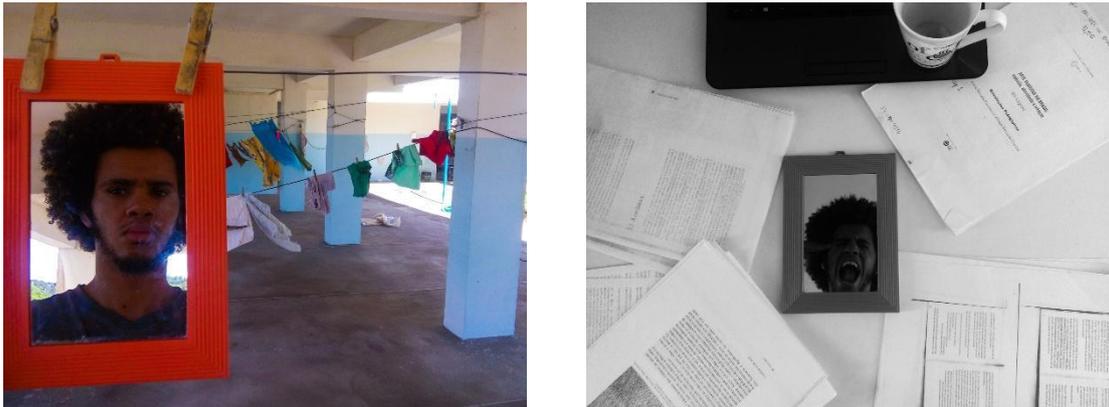
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 10 – À esquerda, *Entre as Louças* – Série: 5/9, Mobgrafia, 2016;
à direita, *Entre a Lavanderia* – Série: 6/9, Mobgrafia, 2016.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 11 – À esquerda, *Entre as Roupas* – Série: 7/9, Mobgrafia, 2016;
à direita, *Entre os Textos* – Série: 8/9, Mobgrafia, 2016.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 9 – *Entre o Lazer*, Série 9/9, Mobgrafia, 2016.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

2.4. Cabelo crespo (2017)

Esse processo artístico foi pensado na primeira vez que voltei para casa, após sair da transição capilar. Foram quatro horas de viagem pensando o que meus pais iriam falar e o que os vizinhos iriam cochichar. Recebi duras críticas do meu pai e da minha mãe, que se assustaram em ver como eu estava “mudado”; tentei explicar, mas eles já tinham a opinião formada. Não somente meus pais, mas também os vizinhos e as pessoas com quem eu encontrava na rua falavam ou olhavam.

Me senti bastante constrangido diversas vezes. Foram os principais momentos em que pensei em desistir do meu processo; mas, o que significaria desistir, já que nenhum outro me contemplou e passei grande parte da minha vida triste, antes de conhecer uma parte de mim? Desistir seria procurar outros caminhos e continuar cada vez mais triste?

Quando retornei para a universidade, foi proposta, para aula de Técnicas e Processos Artísticos, uma exposição para o final do semestre. Decidi trazer o que vivi durante as férias em uma escultura de argila. Pensei nesse material após passar a estudar os processos poéticos com argila de Rosana Paulino. Em suas palavras, Paulino descreve que sua arte “(...) é sobre a tentativa de entender o local ocupado pela população negra no país; e com recorte mais específico que é tentar entender o local ocupado pela mulher negra no tecido social brasileiro” (BRAVO *at.* PAULINO, 2018). Suas obras relacionam-se à memória dos seus familiares e antepassados, utilizando de diversos materiais em sua composição, como a linha de costura e a terracota (argila).

Levei ao menos duas semanas para concluir este processo. A primeira etapa foi criar a forma de um busto, tendo um rosto que remetesse aos meus traços; o processo foi se construindo aos poucos e logo foi tomando forma. A segunda etapa foi a menos complicada, que eram os olhos vendados, representando a cegueira. Ela falava sobre o período em que estive cego para minha imagem, quando não me enxergava enquanto um homem negro protagonista da minha trajetória.

A ideia era fazer com que esse rosto expressasse a minha tristeza, mas buscando a recuperação do bem-estar a partir da reconstrução da autoestima pelo auxílio social. Assim, eu poderia saber com quem contar para esse novo processo, quem estava comigo; saber se poderia ter ainda esperança na humanidade, e, acima de tudo, ter esperança em mim.

Figura 10 – *Cabelo Crespo* – Argila, 27x16 cm, 2017.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Esse foi um processo interativo, e o resultado da exposição foram diversas pessoas expressando palavras positivas sobre o processo de transição capilar. Conclui que existem espaços de contribuições e que devo estar mais próximo dessas pessoas e lugares.

2.5. Não toca (2017)

Dentre as problemáticas do processo de conhecer a mim, meus processos e meu cabelo, me deparei também com os “curiosos” que veem o cabelo afro como algo “rústico”, selvagem; uma novidade a ser contemplada; uma obra de arte interativa na qual o principal foco é o toque. É daí também que surgem outros comentários, em forma de piada, como “cabe tudo aí dentro”, “posso me esconder?”, “cabe um rato”, e tantos outros.

A figura 14 foi pensada nessa problemática; de início, ela era apenas uma expressão para o *Instagram* sobre como me sentia, mas que, com reflexões durante a observação, percebi que poderia se tornar um trabalho artístico, pois estava muito conectado à imagem feita. A foto foi tirada por Yuri Falcão e contou com a participação, para composição da imagem, de meus colegas de sala Anna Verena, Jadson L. Ribeiro e nosso monitor de sala da época, Renan Bozelli. Logo depois,

essa fotografia foi publicada no meu perfil pessoal do *Instagram* com a seguinte mensagem expressiva:

“Nossa, como seu cabelo tá grande.
 Dá pra esconder drogas aí dentro.
 Dá até pra esconder um rato.”
 Não sejam essa pessoa
 “Nossa, como seu cabelo tá grande. Posso tocar?”
 Sejam essa pessoa.
 É muito incômodo quando você passa horas cuidando do seu cabelo,
 e vem alguém e mete a mão como se ele não tivesse dono.
 Parafraseando as feministas:
 “Meu corpo, minhas regras”.
 Então, não mete a mão sem pedir permissão,
 e cuidado com os comentários que se faz.
 Sou paciente, mas há um limite de paciência”¹³

Figura 11 – *Não Toca* – Mobgrafia, 2017.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Meu olhar na imagem, direcionado para o lado, expressa o incômodo pelas mãos nervosas que me tocam, a ponto de revirar os olhos. Tantas mãos cheias de curiosidade, quase sumo na imagem; nela, aos poucos, vou sendo retirado.

2.6. Eu me aceito (?) (2020)

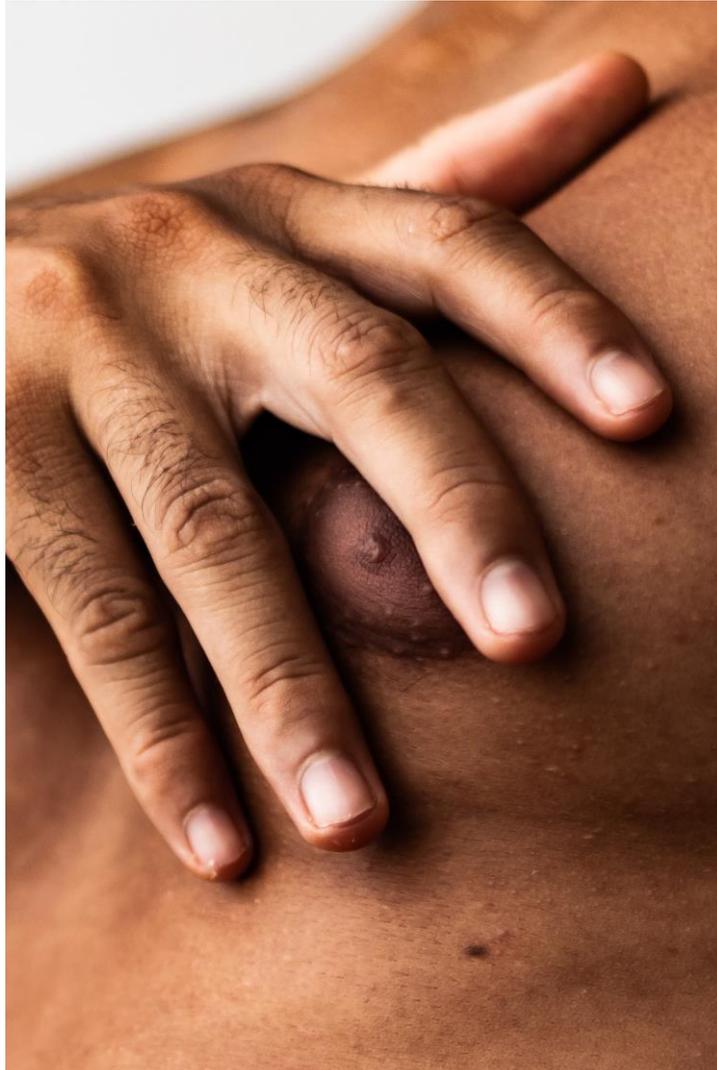
¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BPz6-TEAbZW/>

Em 2020, em meio a pandemia da COVID-19, passei a me interessar mais pelos processos do corpo. As reflexões foram possíveis após a população se encontrar confinada dentro de suas casas, tendo que lidar com sua própria presença. Sem entrar em detalhes sobre como esse processo afetou o psicológico dos indivíduos em escala mundial, me concentro em apenas relatar sobre o que passei a refletir durante o confinamento.

Enquanto algumas pessoas foram obrigadas a sair de casa para ter que trabalhar, eu tive que estar dentro da minha. A criatividade foi o que me auxiliou para suportar todas as angústias e o sentir-me sufocado. Como já relatado, a fotografia me acompanha desde o início no processo de autoconhecimento, e, no confinamento, passei a fotografar mais meu corpo. Ao ver as imagens, lembrei de momentos em que o meu corpo, mais especificamente meu peito, me incomodou durante o desenvolvimento na pré-adolescência.

A partir da quinta série, quando tinha aproximadamente 10 anos de idade, meu corpo passou por mudanças, e, junto a elas, veio a ginecomastia, um aumento excessivo do tecido mamário masculino. Por muito tempo, isso afetou minha autoestima, e até os dias de hoje, ainda sinto incômodos. Falar sobre esse processo não é fácil, nem significa a total superação, pois sei que ainda sou afetado; porém, significa o entendimento do que isso representa e representou na minha vida, levando a me censurar socialmente durante anos e afetando diretamente a autoestima. Cada indivíduo, cada corpo, tem processos diferentes e devo ouvir, sentir, ver e entender o que meu corpo reflete; assim como meu cabelo, em que aprendi a lidar os diferentes movimentos.

O autorretrato abaixo é uma tentativa de traduzir esse sentimento; de mostrar, ainda que com medo, uma quebra de paradigmas. Foram muitas as vezes em que a mão cobria todo o meu peito, mas aos poucos posso revelar-me como sou e como realmente me sinto representado.



.Fonte: Acervo pessoal do autor.

Cada processo narrado acima traz outra perspectiva para minha construção individual. É visto que há uma mudança no comportamento a partir das vivências compartilhadas e introspectivas, em que me vejo mais próximo de mim, em que me enxergo enquanto indivíduo produtor da própria realidade, assim como dos processos artísticos. O que me incomodava antes, como a não expressão do meu ser, hoje vem com outra perspectiva. A metamorfose se reflete nos meus processos artísticos.

3. DE LÁ ATÉ AQUI

3.1. A escolha da videoarte

Após pensar e repensar uma proposta para o trabalho final, cheguei à conclusão que gostaria de falar sobre o processo que me acompanha desde a entrada na universidade. Esse pensamento veio após rever, em memória, todo o meu processo no meio acadêmico. Recordei que a recuperação (ou nascimento) da minha autoestima aconteceu exatamente ao assumir o *black power*. Por isso, decidi resgatar essa memória, trazendo uma análise das percepções construídas a partir da relação com o cabelo.

A escolha da videoarte vem com a perspectiva da minha vivência cotidiana, sendo ela o movimento do meu corpo perante a sociedade, junto à câmera que registra e memoriza o processo. Vejo esse movimento não sendo somente o corpo individual, mas também o corpo social, em que o aprendizado é adquirido pela leitura da realidade vivida e pela expressão de si. Isto é, a conexão entre o meu “eu” e o outro, em determinado ambiente, que traz as experiências “(...) culturais, históricas, políticas e sensoriais que se dá no limite entre corpo e sociedade” (GREINER & ASSUMPÇÃO, 2021, p.1), se configurando numa performance.

Toda experiência vivida é a organização de informações culturais, históricas, políticas e sensoriais que se dá no limite entre corpo e sociedade. A percepção mesma constitui-se como performance, sendo sempre um evento específico num espaço e num tempo específico. Saberes sociais, memória e identidade (gênero, etnicidade e orientação sexual, por exemplo) transbordam o lugar fixo e endurecido que as categorias da linguagem lhes reservam. (IBIDEM)

Dessa forma, quando busquei a videoarte como processo final, quis trazer o movimento das memórias da minha trajetória de vida, e que fizesse com que o meu “eu” mostrasse a conexão entre o corpo artístico e a minha relação com lugares e pessoas por onde passei. Assim, traria sentidos e novas possibilidades de identidades e de linguagens artísticas. Com a câmera, tenho a possibilidade de guardar as memórias do processo de mudança e rever o significado que aquele movimento produziu no instante da confecção.

A videoarte teve origem em uma performance, utilizando uma câmera digital e alguns instrumentos que compõem o cenário e o meu corpo, sujeito, fazendo sua própria realidade no cotidiano vivido, e sendo editado no decorrer da pesquisa. O

meu objetivo é dar vida às memórias que fizeram e que fazem parte da minha trajetória de autoconhecimento, autoafirmação, autoestima e pertencimento, bem como na construção da identidade racial. O intuito não se aplica a um simples registro dos meus processos, mas sim, ser visto e pensado dentro da linguagem artística da videoarte.

3.2. Álbum de família

As fotografias têm por finalidade entender o processo do passado. As imagens em família são carregadas de símbolos que me tocam “como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 1984, p.39). Nesse contexto, interessa-me a relação entre tratamento capilar e as influências familiares. São nas imagens da família que encontro os momentos de registro da nossa realidade, dos momentos marcantes, das vidas vividas. Esses álbuns de família – aliás, a fotografia em si – me mantêm conectado com meu cotidiano, e não me deixam esquecer de onde venho.

Das poucas imagens que ainda temos dos álbuns, as que restaram ficam guardadas dentro de um pequeno baú, adaptado pela minha mãe. Vendo as imagens hoje em dia, consigo rever, com olhar mais sensível, como essa família se constituiu e como tais características constituíram quem sou. Encontro nelas minha vó, minhas tias e meus tios; encontro objetos que sintetizam a ambientação e suas transformações; visões que sentia estar perdendo, e assim, perdendo a mim.

3.3. O som do processo

No processo de criação da série, ainda me intrigava quais os sons que me contemplariam. Pensei, inicialmente, em trazer o vídeo sem o som, apenas com as imagens em movimento, como momento de contemplação e reflexão; porém, algo ainda me incomodava. Uma série com quatro vídeos sem som não apresentava o que gostaria de transmitir.

O som é registrado por uma escrita que também pode ser objeto de estudo. A sonoridade merece questionamentos, reflexões, interpretações e ressignificações. Ao assistir a um filme ou a um vídeo, nem sempre o público percebe que muitas das interpretações dos elementos da cena que partem de uma textualidade ou visualidade, são induzidos por ruídos, sons e músicas, levando-os a experimentar lugares da emoção ainda desconhecidos (NEVES, 2015, p. 9,10).

A partir de conversas e reflexões junto a orientadora, busquei explorar algumas referências dentro do meu cotidiano que possibilitassem envolvê-lo no processo. Aos poucos, fui entendendo quais as conexões que me contemplavam para a produção da videoarte e como o som também completa a visualidade da mensagem proposta. Cabe ao som desenvolver ao ouvinte diferentes sensações, mas, principalmente, a rememoração de momentos, quem sabe, familiares. Uma forma de se deixar levar pela memória em direção a outro lugar que é só seu, íntimo.

A voz da minha mãe, o som ambiente externo, o desembaraçar dos cabelos, o som da máquina de cortar cabelo etc. têm a intenção de reviver o passado e de pensar o presente; a cada ato das cenas, esses sons se completam. A entrevista que fiz com minha mãe foi como forma de dar vida às minhas/nossas memórias. Tomei como importante ter algumas de suas falas introduzidas na composição. O som da máquina de cortar cabelo traz a memória de uma grande parte dos homens, mas principalmente, remete à minha infância e adolescência também. Tem ao menos 6 anos que não ouço esse som cortando meu cabelo refletido em mim.

3.4. Como foi feito

Todo o cenário foi produzido no fundo da minha casa, no quintal. Pensei nesse ambiente por ser mais próximo às minhas raízes. A primeira parte se caracterizou pela limpeza do local da gravação. Apesar de ter estipulado datas para cada etapa, por conta do período chuvoso de agosto e setembro, as filmagens tiveram de ser feitas em dias diferentes. Mais precisamente, elas ocorreram aos finais de semana; isso por conta também do meu horário de trabalho, que não permitiu a execução nos dias normais da semana. Esse processo dificultou a execução mais rápida da obra, que já estava em planejamento de como seria feita cada tomada.

Em seguida, veio a composição do cenário. Coloquei as fotografias da família atrás de mim, durante as filmagens, representando as memórias. Estendi a linha de barbante de uma ponta a outra, entre as estacas de madeira e as fotografias ficaram presas por pregadores no varal, como é visto nas imagens abaixo (

Figura 13).

Figura 13 – Montagem do cenário.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Esse era um jeito simples, barato e caseiro, casando com a poética abordada no processo. Além disso, o uso do algodão (figura 17) tem como objetivo não danificar as imagens quando apertadas pelos pregadores. Utilizei também uma velha cortina para revestir a cadeira (figura 17).

Figura 14 – Montagem do cenário.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Grande parte dos materiais foram comprados, mas também consegui alguns emprestados, como o pente de ferro que foi de uma amiga de minha tia; outros materiais reaproveitei com o que tinha em casa mesmo. Representando os materiais

de modelação do cabelo, utilizei pentes de ferro e plástico, pata-pata, máquina de cortar cabelo, alisante capilar e pente-garfo (fFigura 15).

Figura 15 – Objetos de modelagem.



Fonte: Acervo pessoal do autor

3.5. **Cabelo: processo artístico para a videoarte**

Cabelo é uma série em produção audiovisual dividida em quatro momentos: 1 – *As vidas*, que trata dos objetos de modelagem capilar; 2 – *Processos do Corpo*, que fala dos processos cotidianos e influências sociais, além das reflexões referentes ao corpo; 3 – *Lavando a Alma*, que se refere à libertação e; 4 – *Quem falou que eu ando só*, que reflete sobre os aprendizados adquiridos.

3.5.1. **As vidas**

Introduzindo a história, *As Vidas* (Figura 16) significa o nosso ser, quem somos e o que nos trouxe até aqui. Cada objeto diz de onde viemos e o que nos constitui hoje. Isso inclui o pente de ferro, tão usado pelas mulheres negras, bem como pela minha mãe, há alguns anos atrás; a pata-pata ou a máquina de cortar cabelo, muito presente na vida do meu pai; e o pente-garfo, uma forma de modelagem para quem assume o cabelo cacheado ou crespo.

Esses são símbolos que representam uma parte significativa e importante para a manutenção da autoestima e que, por muito tempo, não foram associados ao processo do meu (re)conhecimento enquanto homem negro. Todavia, através do processo de autoconhecimento, percebi que eles influenciaram em cada parte da minha vida, como em minha trajetória, em que não me percebi enquanto homem negro.

Por meio de vídeo, trago o movimento das diversas vidas nas ações, nos discursos, nas diversas trajetórias. A mão pega aquilo que representa a si, influenciando a próxima vida ou geração a partir dos aprendizados sociais e culturais. Meu pai, minha mãe, meus tios e tias, minhas avós, quem acompanhei, quem me criou, quem ditou regras; pedaços de mim em várias vidas. Os objetos representam transições das vidas, o conhecimento e o autoconhecimento. Se antes não sabia quem era, cheguei ao momento de descobrir e rever nossa trajetória.

Essas primeiras memórias, não as vejo como ruins, pois, para essa época, nem mesmo tinha consciência do significado de autoestima, apenas vivia aquele processo. Lembro que, na infância, quase dormia na cadeira do barbeiro quando a tesoura passava sobre a minha orelha ou com a própria máquina passando no cabelo. Sensações que gostava na época, que é gostoso lembrar agora e quem sabe algum dia voltarei a ouvir; porém, com outro olhar aos processos.

Ao mesmo tempo, trago o som do pente-garfo no cabelo, refletindo sobre o momento presente; o som que me contempla ouvir agora e que representa a luta contra os padrões impostos socialmente. É o som que me faz querer dormir, como se alguém estivesse a acariciar meus cabelos de baixo para cima (sempre nessa regra).

Figura 16 – *As Vidas*, Videoarte, 2021.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

3.5.2. *Processos do corpo*

Transição significa a passagem de um lugar, de um estado, de coisa ou condições. Esse movimento está ligado ao comportamento do meu corpo, que passa por mudanças a partir dos fatores sociais no processo de convivência, e é envolto ao cotidiano, o que influencia nas atitudes individuais. É dessa forma que meu corpo mostra, em vídeo, não somente o entendimento da transição capilar, mas as passagens significantes dele, trazendo junto a reflexão espaço e vivências, como o aprendizado de ter que cortar o cabelo, se quisesse ser respeitado de alguma forma.

Meus pais me ensinaram assim, porque eles aprenderam assim. Minha mãe fala que para ela e meu pai, homem com cabelo grande era sinônimo de “traficante, vagabundo, maconheiro” (Antônia Jesus dos Santos, 2021); mas eles tiveram com quem aprender isso. Eles não simplesmente nasceram com esse pensamento; foram transformados pela sua mãe e seu pai, pela sociedade em que convivem, pelo processo de escravização. Pensamentos que nasceram antes deles existirem e foram passados para as próximas gerações.

Assim também trago algumas passagens em áudio importantes da entrevista que fiz com ela. Uma conversa com perguntas previamente desenvolvidas, mas com o intuito de estabelecer o diálogo solto. Nesse registro, a entrevistada pode falar da sua trajetória, o que possibilitou desenvolver também sobre outras vivências.

Cabe ainda a sobreposição de fotografias em família e as memórias, junto ao “Varal da Memória”, que são as imagens do álbum de família que as coloquei atrás de mim. O intuito é mostrar a minha descendência e as de alisamento e corte capilar passadas por gerações, possibilitando questionar: que gerações são essas? Essa questão se relaciona também aos objetos que são introduzidos no cabelo do pente-de-ferro ao pente-garfo.

Interpreto a não percepção do meu corpo numa pele preta, e com cabelos ainda não conhecíveis, como um corpo que esteve inativo por um longo período. Nele se reproduzem ações voltadas às influências sociais, provocando a cegueira, o que acaba influenciando também na minha forma de pensar, levando a não me ver enquanto homem negro e a como o entendimento dessa identidade influencia na autoestima.

O enquadramento em primeiro plano (Figura 17) tem a intensão de refletir meu corpo em processo de aceitação, não só capilar, mas também um corpo que passou pela vergonha de não querer se mostrar por acreditar não estar dentro do padrão referente ao peito. Assim como meu cabelo precisou, e ainda precisa de ações individuais que estimulem a autoestima, foi necessário também dialogar e se conectar com outros processos corporais.

Figura 17 – *Processos do corpo*, Videoarte, 2021.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

3.5.3. *Lavando a alma*

As modelagens que aprendera durante o processo me ajudaram muito no conhecimento pessoal, em me ver enquanto homem negro e em poder sim ter o cabelo grande. Pude refletir sobre ações da minha vida, nas quais nunca fora apresentado, e o que esse aprendizado poderia mudar na trajetória. Não fosse pelas pessoas que conheci, os conhecimentos que adquiri, e a minha força de vontade, provavelmente teria desistido nos primeiros meses. Luany Cristina fala, em um dos seus vídeos, o significado do cabelo natural para as mulheres negras, mas que também se atrela ao processo masculino. Ela diz

(...) E hoje, aos 22 anos de idade, foi muito importante esse momento de transição, porque eu comecei a me conhecer, eu comecei a ver quem realmente eu era, a minha essência, a minha origem, da onde eu vim, porque não é simplesmente um cabelo. O cabelo ele conta a nossa história,

conta a nossa origem, sabe!? (...) É a sua identidade (LUANY CRISTINA, youtube).

Lavar o cabelo é um estado de paz, de se sentir, de ouvir, respirar... é libertador. Sabe como é tocar no seu próprio cabelo e pensar “Isso tudo é meu? Eu sou assim? Meu cabelo é assim? ”. É como cumprir uma meta estabelecida. Pensar em tudo que vivi e poder sorrir com o pensamento de dever cumprido; ao mesmo tempo se perguntar: e agora, qual é o próximo passo? Quem que eu posso envolver nesse processo também?

Esse momento (Figura 18), considero como libertação, na qual a água retira as impurezas do meu corpo, um banho para lavar a alma e renovar as energias, devolver a minha identidade e fazer novos trajetos.



Figura 18 - Lavando a Alma, Videoarte, 2021.
Fonte: Acervo pessoal do autor

3.5.4. Quem falou que eu ando só?

A trajetória de lá até aqui, desde o ingresso na universidade, a transição capilar, a convivência em ambientes abertos até as expressões e os diálogos, possibilitou reinterpretar meu ciclo social e familiar; a possibilidade de diálogo foi reaberta com os novos aprendizados. As perguntas em torno do meu ser me fizeram questionar ações que só a memória poderia possibilitar responder.

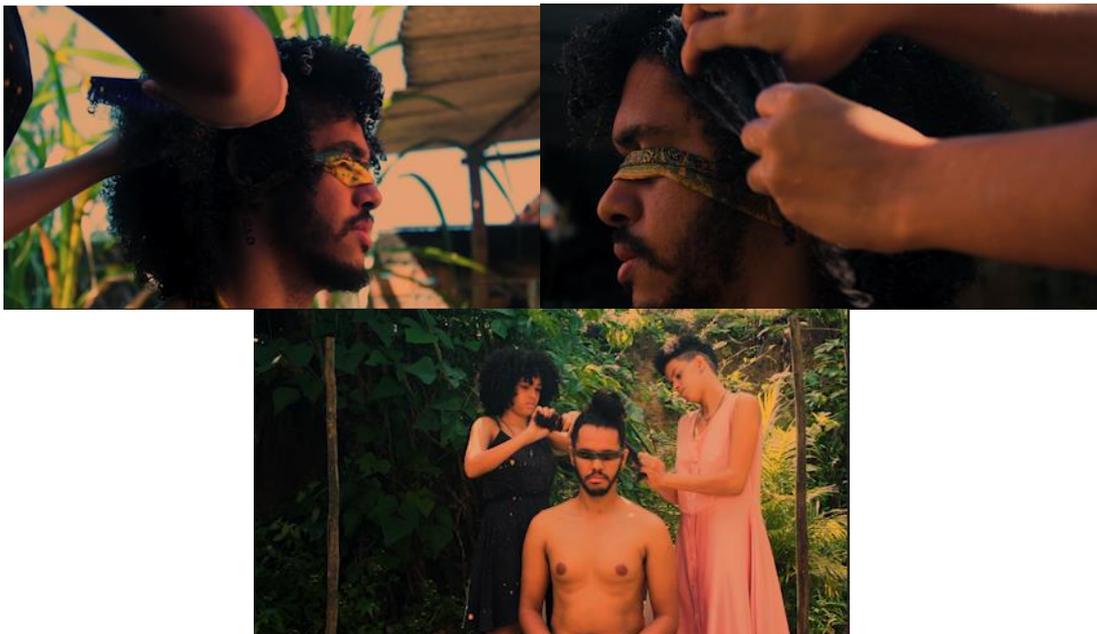
Aqui foram redescobertos também sentimentos e emoções; algo que ainda conheço muito pouco, tenho dificuldade de dizer quando e como agem, mas sinto. Cego estava quando acreditei que o que sinto não importa, mas foi aqui que me vi e vi os meus: meu pai, minha mãe, minhas irmãs, minha vó, minha família por completo. Só descobri onde era o meu lar quando saí de casa; precisei estar longe para querer estar perto. Amei e fui amado, senti saudade, e ainda estou aprendendo

a enxergar. No entanto, é assim que se faz a metamorfose dita por Ciampa: “Em constante transformação”

Percebi como deveríamos ser representados; afinal, não estamos sozinhos; em nosso caminhar, não ando só, e, muitas vezes, quando estive sem rumo precisei, ser amparado. A imagem abaixo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) nessa cena traz essa perspectiva do fortalecimento individual, social e familiar, onde há aqueles momentos em que nos colocam para baixo, mas há os que nos ajudam a levantar a partir dos diálogos construídos. Para esse ato, eu batizei com o trecho de uma música que passei a ouvir bastante quando lançada, *Povoada*, de Sued Nunes (2021). Em um trecho, ela fala: “Povoada, quem falou que eu ando só?”, o que reflete muito sobre quem sou, de onde vim e para onde vou, e que quando não aguentar a caminhada, sei em quem devo me fortalecer.

Novas memórias são construídas enquanto lavo meu cabelo, aprendizados são passados e refletidos. Nos últimos anos o que mais tenho feito é refletir quem sou, quem são os meus e o que posso construir a partir dessas percepções. São processos em constante diálogo e diálogos em constante processo.

Figura 19 – *Quem Falou que Eu Ando Só*, Videoarte, 2021



Fonte: Acervo pessoal do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o intuito de analisar a influência da aceitação do cabelo crespo na constituição do autoconhecimento e da autoestima. Foi constatado, a partir da memória pessoal e da pesquisa artística, como as relações sociais na infância e na adolescência influenciaram nesses processos, que significaram a não percepção da identidade étnico racial. Esse assunto foi possibilitado apenas no processo da transição capilar, que muito teve a ver com os novos espaços frequentados e novas influências.

Toda pesquisa foi voltada ao entendimento de si, como forma de se ver no aspecto individual, social e artístico. Estar em novos ambientes possibilitou me ver enquanto homem negro e trouxe perspectivas ainda não exploradas, como o desenvolvimento dos processos artísticos feitos durante a trajetória universitária que constituem assuntos relacionados ao ambiente, corpo, memória e negritude. Percebia o ciclo familiar como reprodutor de racismo, assim como as amizades que me levaram a entrar em um outro padrão. Contudo, com o tempo, com percepções novas e com outras referências, pude experimentar ações que contribuíram para a formação da base individual e coletiva.

Assim, as voltas para casa não tinham mais o peso ou o medo de julgamentos, que outrora se fizeram comuns; pelo contrário, na família ao menos houve mudanças, como o processo de transição capilar que minha irmã e minhas tias passaram. Tais mudanças também contribuíram para a forma de pensar no ciclo familiar; o respeito ao cabelo crespo significou também o respeito à forma de falar e agir. Obviamente,

não quero que o processo termine na transição capilar, mas que não seja perdido de vista o que me/nos trouxe até aqui.

Sou negro, sou artista, e a cada instante descubro mais sobre mim. O meu “eu” é aquele que está em constante transformação e evolução, que se configura em diferentes personagens a cada fase da vida. A percepção dessa identidade junto ao processo de autoconhecimento contribuiu para a constituição da videoarte que, assim como os processos artísticos passados, tem possibilitado trazer questionamentos e buscar novas histórias que auxiliam na constituição da autoestima.

Pude, nesse processo, entrevistar minha mãe e saber mais de sua história, que acaba também contando outras. Sou seu filho primogênito, seu descendente, sou aquilo que ela, junto ao meu pai, inicialmente constituiu. Me interessava obter informações sobre a manipulação de seus cabelos, também em como foi resgatado por ela a tradição da modelagem a partir do pente de ferro e se haviam outros tipos de produtos que ela passava, além do que eles representavam em suas vidas. Em pouco mais de 10 minutos, ouvi seu relato, no qual uniu seus processos e um pouco da vivência de meu pai, bem como de outros familiares. Sua personagem, coube aqui relatar, junto à sua história de vida, à tradição passada de geração após geração, acabou me inspirando a utilizar algumas de suas falas no processo artístico que constitui *Cabelo*. Nessa entrevista, obtive as respostas necessárias, bem como outras informações que me interessam pensar novos processos.

Entre as contribuições que o processo universitário me possibilitou aprender, a maior foi enxergar: ver passo-a-passo do que fiz possibilita me alimentar de esperança. Muitos foram os momentos em que quis desistir de estar na universidade. Tantos processos que encarei tendo que estar dentro de algumas “brigas” por direitos básicos aos estudantes quase me levaram de volta para casa e a pensar em outra área de atuação. “Enxergar” significou que existem diversas formas de sentir e agir. Muitos passam pela universidade e veem de cara o que gostariam de fazer, os caminhos que devem trilhar, quais processos devem seguir, os grupos que se devem formar; porém, nem todos conseguem fazer dessa forma e agem de acordo com as situações que se constroem.

A vantagem de estudar Artes Visuais, do meu ponto de vista, é poder enxergar e desenvolver meu próprio caminho a partir dos processos artísticos e identitários,

de acordo com meus próprios processos. Ainda que não haja uma visão completamente formada, há ao menos o início da percepção de si e questões direcionais, no qual se iniciou a partir da transição capilar principalmente, mas de ambiente também.

A partir do exposto, penso no cabelo como um ato de rebeldia, visto que seu aspecto assume essa característica: cresce todo para cima, difícil de prendê-lo e de controlá-lo. E nesse caso, o que o eurocentrismo tenta estabelecer é o controle através da padronização: “o modelo ideal”. Se rebelar é um ato de coragem. Insisto até verem meu cabelo apenas como cabelo, mesmo que eu saiba a importância dele para a constituição de minha identidade e autoestima.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A Câmara Clara: nota obre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAVO, Revista. **Ateliê da Artista: Rosana Paulino**. Youtube: Revista Bravo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ITdnSyqWv1A>>. Acessado em: 23 de set. 2021

CIAMPA, Antonio da Costa Ciampa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1984.

CRISTINY, Luana. **Como Começar A Transição Capilar + Dicas De Produtos !!! Por Luany Cristina**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8DqLjl8J1sA&t=107s>>. 23 de set. 2021

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda e Descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros**. XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais; Caxambu, outubro de 2002.

GREINER, C.; ASSUMPÇÃO, P. **A performance como método de pesquisa**. Hemispheric Institut. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/viewFile/3179/2042>>. Acesso em: 24 set. 2020.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, F.; SILVA, J. A Autoafirmação do “Eu” e a Negação do “Outro”: Princípios Conflitantes de Construção Identitária na Contemporaneidade. **Revista UNIABEU**, v.10, n. 24, p. 33 - 46, janeiro - abril 2017. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/download/2636/pdf_1>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: Usos e Sentidos**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NEVES, Otávio. **O Som na Imagem: Audiovisualidade e Ensino**. Belo Horizonte – MG, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDA9FJ3E/1/monografia_final_o_som_na_imagem_audiovisualidade_e_ensino.pdf>. Acessado em: 15 de ago. 2021

PINHEIRO, V. S.; MAGALHÃES, C. . Representações de identidades raciais em capas da revista Raça Brasil: um estudo à luz da gramática do design visual. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 53, n. 1, Jan./Jun. 2011.

RECORDS, Munguzá. **Povoada – Sued Nunes (Vídeo Promocional Julho da Pretas)**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c&t=37s>>. acessado em: 13 de jun. de 2021

SALLES, Cecília. **Gestos Inacabados. Processo de Criação Artística**. São Paulo, Fapesp: Annablume, 2008.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do Black Power ao Cabelo Crespo: A Construção da Identidade Negra Através do Cabelo**. São Paulo - SP: Centro de Estudos Latino Americanos Sobre Cultura e Comunicação. 2015; Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf>. Acessado em: 03 de mar. De 2021

SIMEÃO, Bianca Candido. **Alisantes Químicos e os Efeitos Causados na Fibra Capilar e à Saúde: Uma Revisão da Literatura**. Assis/SP: Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, 2020.

SOUZA; A. X. S.; DURÕES, L. M. M.; COSTA, M. M. **A Valorização do Cabelo Afrodescendente: Características Estruturais, Técnicas e Cuidados com Cabelo Natural**. Ceres – GO: Faculdade Evangélica de Ceres, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/bitstream/aee/9526/1/A%20VALORIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20CABELO%20AFRODESCENDENTE%20CARACTER%C3%8DSTICAS%20ESTRUTURAS%2C%20T%C3%89CNICAS%20E%20CUIDADOS%20COM%20CABELO%20NATURAL.pdf>>. Acesso em: 15 de Junho de 2021. Acessado em: 13 de jun. 2021

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. **Adaptação à Universidade em Jovens Calouros**. Porto alegre – RS; Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/?lang=pt>>; Acesso em: 07 de abril de 2021. Acessado em: 14 de set. 2021.

Link da Videoarte

- 1- As Vidas:
<<https://youtu.be/rvTK5NSRAFk>>
- 2- Processos do corpo:
<<https://youtu.be/XoTMEPGCpvl>>
- 3- Lavando a Alma:
<<https://youtu.be/ziEn43D7J14>>
- 4- Quem Falou que Eu Ando Só:
<<https://youtu.be/TaxNII35UGM>>